

REVISEA

REVISTA SERGIPANA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Olhares de Paulo Freire sobre a natureza no livro Pedagogia do Oprimido: da adaptação à reinvenção do mundo

Paulo Freire's views on nature in the book Pedagogy of the Oppressed: from adaptation to the reinvention of the world

Las visiones de Paulo Freire sobre la naturaleza en el libro Pedagogía del oprimido: de la adaptación a la reinvencción del mundo

**Rodrigo da LUZ¹
Rosiléia Oliveira de ALMEIDA²**

Submetido em: 15/07/2025

Aceito em: 29/07/2025

Publicado em: 30/09/2025

RESUMO

Paulo Freire é uma figura central na educação ambiental, não só por sua conduta exemplar perante a vida, a natureza e a sociedade, mas principalmente porque suas principais categorias político-pedagógicas, como dialogicidade, problematização e conscientização, fornecem o alicerce para uma educação ambiental comprometida com os segmentos sociais oprimidos. Este artigo tem como objetivo investigar as dimensões de natureza presentes na obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire no sentido de fundamentar uma educação ambiental humanizadora e crítica. Para tanto, dá um enfoque ao segundo momento da vida do autor (1964-1979) que

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

² Universidade Federal da Bahia (UFBA).



corresponde ao seu período de exílio, devido à instauração da ditadura civil-militar no Brasil que durou cerca de 16 anos. Desse momento, destaca-se a obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita por Freire em 1968, enquanto ainda estava no Chile. Essa obra foi analisada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), que possibilitou a emergência de quatro categorias fundamentais: a) Natureza enquanto “mundo” da adaptação, b) Natureza enquanto mundo da transformação, c) Natureza enquanto dimensão de significação da experiência humana e, d) Natureza como dimensão constituinte e elementar do mundo. Desse modo, Freire nos ajuda, por meio de seu diálogo amoroso com o mundo e pela consideração do outro como sujeito de sua própria história, a superar as dicotomias intensificadas pela crise civilizatória, que apaga subjetividades, materializa a violência como política de estado e nega existências de seres humanos na relação que estabelecem com a sociedade e a natureza.

Palavras-chave: Perspectiva freireana; educação ambiental crítica; natureza.

ABSTRACT

Paulo Freire is a central figure in environmental education, not only for his exemplary approach to life, nature, and society, but mainly because his main political-pedagogical concepts, such as dialogicity, problematization, and awareness-raising, provide the foundation for an environmental education committed to oppressed social groups. This article aims to investigate the natural dimensions present in Paulo Freire's *Pedagogy of the Oppressed* in order to support a humanizing and critical environmental education. To this end, it focuses on the second phase of the author's life (1964-1979), which corresponds to his period of exile, due to the establishment of the civil-military dictatorship in Brazil, which lasted approximately 16 years. From this period, the work *Pedagogy of the Oppressed*, written by Freire in 1968, while still in Chile, stands out. This work was analyzed through Discursive Textual Analysis (DTA), which enabled the emergence of four fundamental categories: a) Nature as a "world" of adaptation; b) Nature as a world of transformation; c) Nature as a dimension of meaning in human experience; and d) Nature as a constituent and elemental dimension of the world. In this way, Freire helps us, through his loving dialogue with the world and by considering the other as a subject of their own history, to overcome the dichotomies intensified by the civilizational crisis, which erases subjectivities, materializes violence as state policy, and denies the existence of human beings in their relationship with society and nature.

Keywords: Freirean perspective; critical environmental education; nature.

RESUMEN

Paulo Freire es una figura central de la educación ambiental, no sólo por su conducta ejemplar frente a la vida, la naturaleza y la sociedad, sino principalmente porque sus principales categorías político-pedagógicas, como la dialogicidad, la problematización y la concientización, sientan las bases para una educación



ambiental comprometida con los segmentos sociales oprimidos. Este artículo tiene como objetivo investigar las dimensiones de la naturaleza presentes en la obra Pedagogía del Oprimido de Paulo Freire para fundamentar una educación ambiental humanizadora y crítica. Para ello, se centra en el segundo período de la vida del autor (1964-1979), que corresponde a su período de exilio, debido a la instauración de la dictadura cívico-militar en Brasil, que duró aproximadamente 16 años. De este momento destaca la obra Pedagogía del oprimido, escrita por Freire en 1968, mientras aún se encontraba en Chile. Este trabajo fue analizado a través del Análisis Textual Discursivo (ADT), que permitió el surgimiento de cuatro categorías fundamentales: a) Naturaleza como “mundo” de adaptación, b) Naturaleza como mundo de transformación, c) Naturaleza como dimensión de sentido de la experiencia humana y, d) Naturaleza como dimensión constitutiva y elemental del mundo. De este modo, Freire nos ayuda, a través de su diálogo amoroso con el mundo y considerando al otro como sujeto de su propia historia, a superar las dicotomías intensificadas por la crisis civilizatoria, que borra las subjetividades, materializa la violencia como política de Estado y niega la existencia de los seres humanos en la relación que establecen con la sociedad y la naturaleza.

Palabras clave: Perspectiva freireana; educación ambiental crítica; naturaleza.

1 INTRODUÇÃO

Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida (Freire, A., 2017, p. 37).

A educação ambiental no Brasil, nos últimos anos, viveu um processo de desmonte, descaracterização e fragilidade, sendo silenciada e enfraquecida em suas políticas públicas e no âmbito das relações sociais. Esse processo, que se iniciou no governo de Dilma Rousseff (2011-2016) e perpassou o governo de Michel Temer (2016-2019), se intensificou drasticamente com as práticas antiambientais do governo de Jair Bolsonaro, no período de 2019 a 2022, em que se destacam a fragilização das instituições públicas e da própria política ambiental; perseguição e sucateamento dos órgãos de educação, licenciamento e controle socioambiental; tentativa de fusão entre o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Agricultura; extinção do Departamento de Educação Ambiental no Ministério do Meio Ambiente; episódios de corrupção no Ministério da Educação; cortes de bolsas estudantis e



perseguição a cientistas e educadores nas escolas e universidades (Arrais; Bizerril, 2020; Layrargues, 2020).

Paulo Freire (1921-1997), educador conhecido internacionalmente por ter concebido uma pedagogia progressista que assume a indissociabilidade entre educação e política e que busca o fomento à consciência crítica sobre a opressão sofrida por grupos subalternizados e, por conseguinte, à transformação social, também se tornou alvo de constantes perseguições. Ele também viria a ser descaracterizado e perseguido publicamente, remontando ao período ditatorial da década de 1960, em que o autor foi acusado de comunismo e de doutrinação marxista, preso, exilado e impedido de continuar vivendo em sua terra natal.

Não se tratando de mera coincidência, os ataques protagonizados pelos grupos dominantes e reproduzidos pelas massas mobilizadas contra a educação ambiental e Paulo Freire, cujas ideias e práticas permanecem vivas e, absolutamente, presentes nos dias atuais, representam a aglutinação de forças neoliberais e reacionárias contra aquilo que lhes serve de empecilho à dominação sociopolítica.

As perseguições e acusações infundadas a Freire não cessarão, tendo em vista que as contribuições político-pedagógicas do autor se inserem na contramão do que está posto socialmente e ameaçam projetos antidemocráticos, ao se fundarem no diálogo, na problematização dos discursos e das práticas autoritárias, na defesa da liberdade e da democracia, no enfrentamento da opressão e das contradições existenciais (Arrais; Bizerril, 2020). Paulo Freire sempre defendeu a necessidade de uma leitura e de uma atuação crítica no mundo a serem alcançadas pela problematização da realidade pelos seres humanos, que se libertariam, em comunhão, das amarras dominantes. Para o autor, “nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que todos os oprimidos passassem a dizer: ‘por quê?’” (Freire, 1987, p. 87), o que reforça a necessidade de questionamentos constantes das relações sociais.



Freire participou com entusiasmo do encontro das Nações Unidas denominado Rio 92, no Brasil, em 1992, como um dos representantes da área de educação ambiental (Luz; Almeida, 2024), lembrando o legado de Chico Mendes para o fortalecimento da luta dos povos da floresta e defendendo que esses povos deveriam representar uma unidade na diversidade se quisessem superar a opressão que sofriam (Freire, 1992). De acordo com Ana Maria Araújo Freire:

Paulo Freire não se dedicou especificamente ao estudo da educação ambiental, mas sua leitura de mundo sistematizada, tendo sido tão ampla quanto profunda, abre possibilidades para refletirmos sobre essa compreensão de educação subsidiada em sua teoria do conhecimento. [...] Podemos, pois, procurar na sua obra e práxis os pressupostos teóricos para subsidiar a educação ambiental que nos demanda mais do que qualquer outra ao cuidado, ao entendimento e à preservação da VIDA (Freire, A., 2003, p. 11).

Paulo Freire se faz presente na educação ambiental não somente devido ao seu testemunho autêntico diante da vida, da natureza e da sociedade, mas também porque seus pressupostos político-pedagógicos, como dialogicidade, problematização e conscientização, têm servido de base para a constituição de uma educação ambiental humanizadora e crítica. Nesse sentido, nos indagamos: teria Paulo Freire contribuições a dar para o debate que envolve a relação ser humano-natureza?

Foi procurando respostas para essa questão que, nos últimos anos, temos nos debruçado em várias obras freireanas escritas em distintas épocas e contextos, procurando explicitar a dimensão socioambiental no cerne da pedagogia do autor. O objetivo deste artigo também vai nessa direção: investigar as dimensões de natureza presentes na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, no sentido de fundamentar uma educação ambiental humanizadora e crítica. Ao lançarmos um olhar analítico sobre a obra, também procuramos, em seus contextos de produção, elementos pessoais, sociais e políticos que iluminem a presente investigação, entendendo *Pedagogia do Oprimido* como uma produção histórica, datada, mas



genuinamente inspiradora, visto que transpassa gerações, dada sua intrínseca atualidade.

2 O CAMINHO DA PESQUISA

Esta pesquisa faz parte da tese de doutorado do primeiro autor, que investigou dimensões científico-tecnológicas e socioambientais no pensamento freireano, considerando diferentes momentos espaço-temporais (Luz, 2023). Neste recorte específico, focamos no segundo momento da vida e obra de Paulo Freire, que compreende o período de 1964 a 1979, momento que marca a ditadura militar brasileira e o exílio do autor, que durou cerca de 16 anos.

Durante o período do exílio, Freire escreveu diversas obras, com destaque para Educação como Prática da Liberdade (1967), Pedagogia do Oprimido (1968), Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos (1968), Extensão ou Comunicação? (1969), Educação e Mudança (1976), Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo (1977) e Conscientização: teoria e prática da libertação (1979).

Dentre os livros citados acima, Pedagogia do Oprimido assumiu grande notoriedade, sendo a terceira obra com mais citações em trabalhos acadêmicos levantados pelo google scholar, que constitui mais de 70 mil referências no contexto da produção da área de ciências humanas, e que teve sua 60ª edição esgotada em 2016, de acordo com Scocúglia (2018). Esse livro também se constitui como uma obra articuladora das principais categorias político-pedagógicas freireanas, sendo revisitado em vários momentos por seu próprio autor, num movimento teórico-prático infindo de idas e vindas permanentes.

O livro Pedagogia do Oprimido foi analisado por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). Essa ferramenta analítica apresenta quatro etapas básicas: 1)



unitarização, em que ocorre a fragmentação do corpus em unidades de análise. As unidades selecionadas nos excertos do livro foram natureza, suporte, ambiente e suas variações. Essas unidades também foram destacadas em negrito nos excertos selecionados para análise; 2) categorização, em que são tecidas relações entre as unidades de significado, de modo a agrupá-las de acordo com suas semelhanças. As categorias presentes neste trabalho emergiram a partir da análise e podem ser assim elencadas: a) Natureza enquanto “mundo” da adaptação, b) Natureza enquanto mundo da transformação, c) Natureza enquanto dimensão de significação da experiência humana e, d) Natureza como dimensão constituinte e elementar do mundo; 3) comunicação, em que as categorias produzidas em processo de indução ou dedução possibilitam a emergência do metatexto, que sintetiza a nova compreensão que envolveu a análise da totalidade dos textos investigados e 4) auto-organização, em que ocorre um processo de reconstrução de textos e significados, envolvendo a emergência do novo e das possibilidades criadoras a serem comunicadas e validadas (Moraes; Galiuzzi, 2016).

O desenvolvimento das etapas 3 e 4 da ATD permitiu a emergência, comunicação e validação da compreensão ampla de Paulo Freire, presente no livro *Pedagogia do Oprimido*, sobre a relação do ser humano com a natureza, ressaltando a vocação ontológica do ser humano em ser mais, a consciência da sua situação na realidade e a materialização dessa consciência na atividade transformadora que realiza no/com o mundo, conforme aprofundamos no próximo tópico.

3 OS LUGARES DA NATUREZA NA OBRA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE

De modo geral, o termo natureza aparece no livro *Pedagogia do Oprimido* para indicar a condição inerente ao ser humano, como, por exemplo, quando se afirma que faz parte da natureza ontológica humana a vocação por ser mais e não ser



menos, a humanização e a curiosidade com que se observa o mundo. Entretanto, pode-se notar também, com menor ênfase, o sentido dado ao termo muito próximo do que investigamos na obra, quando o autor se refere à relação ser humano-natureza, diferenciando-a da relação dos outros seres vivos com seu meio natural.

É importante ressaltar que a análise desenvolvida por Freire sobre essa temática tem a intenção de melhor caracterizar os seres humanos no momento em que os compara com os demais seres vivos. Aqueles reúnem características singulares que os caracterizam enquanto espécie biológica, mas também político-social. Nesse sentido, as especificidades das demais espécies não são tratadas na obra, algo que nos permite afirmar que reina uma perspectiva antropológica no texto, em que a intenção do autor é explicitar a dimensão ontológica dos sujeitos no sentido de aprofundar a compreensão de suas especificidades.

Considerando a noção de natureza em Freire enquanto dimensão da realidade-mundo, de acordo com a análise empreendida e com a intenção de facilitar o estudo, podemos destacar quatro sentidos mutuamente complementares expressos no texto quando o autor trata sobre o assunto:

a) Natureza enquanto “mundo”³ da adaptação: Trata-se da relação que ocorre entre os seres vivos em geral, com exceção dos humanos, e a natureza entendida como suporte. Essa provê os meios necessários à continuidade da vida e aqueles apenas se adaptam às condições ecológicas estabelecidas, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis à manutenção da espécie. É o mundo físico-material, o lugar do instintivo e do biológico, das relações bióticas e abióticas, em distinção à humanidade instituída.

b) Natureza enquanto mundo da transformação: Os seres humanos são os únicos capazes de, enquanto partes da natureza, emergirem dela para transformá-

³ O termo é utilizado na obra *Pedagogia do Oprimido* entre aspas pelo próprio autor no sentido de evidenciar que os seres vivos não humanos não se percebem enquanto imersos em um mundo. Essa denominação seria uma significação exclusivamente humana.



la. Isso só é possível porque, ao mesmo tempo que eles são seres biológicos, são também intrinsecamente seres político-sociais.

c) Natureza enquanto dimensão de significação da experiência humana: É por meio de sua relação ontológica com a natureza (trabalho) que o ser humano significa sua própria experiência existencial, produzindo um conjunto de bens simbólicos que constituem o mundo da cultura.

d) Natureza como dimensão constituinte e elementar do mundo: É na relação ser humano-natureza que ocorre o trabalho e por ele a produção da vida material e simbólica presente no mundo. A natureza é entendida como gênese da humanidade e, ao mesmo tempo, numa perspectiva de totalidade e complexidade, também é uma dimensão do mundo que o constitui, integra e transforma.

A seguir discutimos essas categorias, situando-as no corpus de análise e explicitando em que medida a natureza constitui-se como lugar/mundo que foi considerado por Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*.

3.1 A natureza sozinha não muda o mundo, mas sem ela tampouco o mundo muda

Esse tópico se intitula de maneira a parafrasear Freire quando o mesmo trata da importância da educação para a mudança da sociedade. Ele afirma: “Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 67).

A natureza também nos parece exercer essa função de mudança a ser constatada no pensamento do autor, mas, mais do que isso, ela possibilita que haja a transformação das relações seres humanos-mundo. Podemos dizer que a primeira vez que Freire trata da natureza e sua relação com os seres vivos na obra *Pedagogia do Oprimido* ocorre no terceiro capítulo, quando ele discute sobre o diálogo e a busca do conteúdo programático, que começa quando o educador se questiona acerca do que abordará com os educandos. Esse diálogo, para o autor,



não pode se dar como imposição aos sujeitos, nem para eles, mas com eles, compreendidos como importantes e necessários ao processo de desvelamento do mundo:

Simplesmente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes de modo geral, imersos num contexto colonial quase **umbilicalmente ligados ao mundo da natureza** de que **se sentem mais partes** que transformadores, para, à maneira da concepção bancária, entregar-lhes “conhecimento” ou impor-lhes um modelo de bom homem, contido no programa cujo conteúdo nós mesmos organizamos (Freire, 1987, p. 54, grifos nossos).

Constata-se que esse processo de afirmação do ser humano no mundo, para Freire, depende da compreensão que possua sobre seu papel com relação à natureza enquanto mundo biofísico, que não deve se restringir à ideia de pertencimento ou de apenas fazer parte dessa dimensão da realidade, nem à ela estar tão fortemente ligado como um ser passivo que se acomoda às condições previamente estabelecidas. Essa situação de passividade e conformismo, segundo o autor, é reforçada pela educação bancária, que retira o ponto de decisão dos sujeitos, ao passo que lhes entrega prescrições, ordens e doações. Entretanto, o processo de afirmação dos sujeitos perpassa pela sua atividade criadora, que envolve a transformação da natureza. Essa atividade, que faz parte da essência dos seres humanos, é tratada em vários outros momentos da obra, especialmente quando o autor diferencia os seres humanos dos demais seres vivos, algo que demarca uma comparação entre esses e aqueles, na tentativa de situar melhor a atividade humana em contraposição à atividade dos demais animais:

Mesmo que possa parecer um lugar-comum, nunca será demasiado falar acerca dos homens como os **únicos seres** entre os “inconclusos”, capazes de ter, não apenas sua própria **atividade**, mas a si mesmos, como objetos de sua **consciência**, o que os distingue do animal, incapaz de separar-se de sua **atividade** (Freire, 1987, p. 56, grifos nossos).



Nesse excerto fica evidente o elemento central de diferenciação entre seres humanos e demais seres vivos que, para Freire, se encontra no nível da consciência. De acordo com o autor, os seres humanos conseguem perceber a si mesmos enquanto sujeitos inconclusos, que realizam uma atividade situada espaço-temporalmente com intenção deliberada de alcançar certas finalidades, de maneira a se separar dessa atividade para sobre ela refletir. Têm consciência de sua presença no mundo e de sua inconclusão enquanto seres que estão constantemente se fazendo em busca de ser mais. Nesse sentido, para Freire, o mundo só existe enquanto tal porque existem seres humanos capazes de dar sentido à realidade em que vivem. Sem eles, pode-se dizer que a significação sobre o que é mundo também se perde e com ela todas as subjetividades inerentes à atividade singular humana. “Assim como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade” (Freire, 2001, p. 17).

Os demais seres vivos, dado o estado permanente de aderência em que se encontram, não conseguem se separar da atividade que realizam na natureza, de tal forma que essa atividade se confunde com sua própria existência, da qual não têm consciência. Por isso mesmo, também não conseguem dar sentido à ação que realizam, pois percebem a realidade contando apenas com seus sistemas sensoriais instintivos voltados à adaptação ao espaço em que estão inseridos, como afirma o mesmo autor:

No “mundo” do animal, que não sendo rigorosamente mundo, mas **suporte** em que está, não há “situações-limites”, pelo caráter a-histórico do segundo que se estende ao primeiro. Não sendo o animal um “ser para si”, lhe falta o poder de exercer “atos-limites” que implicam uma postura decisória frente ao mundo, do qual o ser se “separa”, e, objetivando-o, o transforma com sua ação. **Preso organicamente ao seu suporte**, o animal não se distingue dele. Dessa forma, em lugar de “situações-limites” que são históricas, é **o suporte** mesmo, maciçamente, que o **limita** (Freire, 1987, p. 58, grifos nossos).



Considerando essas distinções efetuadas pelo autor, podemos aqui afirmar que existem diferenças nas formas de percepção da natureza entre seres humanos e os outros seres vivos. No caso dos primeiros, a percepção envolve tanto órgãos sensoriais, com os quais recebem os estímulos externos, quanto estruturas mentais pelas quais processam tais estímulos recebidos, atribuindo-lhes sentido a partir das suas próprias vivências e experiências. Dessa forma, "cada indivíduo enxerga e interpreta o ambiente de acordo com o seu próprio olhar, sua própria maneira de ver o mundo, a partir de suas experiências prévias, expectativas e ansiedades" (Hoeffel; Fadini, 2007, p. 255).

Nota-se que, para Freire, os seres vivos em geral, exceto os humanos, estão imersos na natureza como "mundo" da adaptação. Esta se mostra para eles apenas como suporte ao qual estão ligados e que garante a subsistência da espécie, mesmo que isso não seja percebido enquanto atividade da consciência. "A Natureza é, nesse sentido, explicitada como suporte. Ou melhor, o mundo só é efetivamente mundo para o homem que se descobre livre para transformar e agir sobre ele" (Calloni, 2017, p. 284).

Os seres vivos não humanos não conseguem, portanto, em sua relação com a natureza, tomar decisões das quais resultariam mudanças daquilo que se espera dos ciclos naturais em que estão imersos. Sendo assim, subsistem e dão continuidade à vida de maneira a se adaptarem às suas condições, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis à sua permanência no ambiente. Todavia, para Freire, os seres humanos mais uma vez se diferenciam nesse ponto dos demais seres vivos, visto que são capazes de criar condições e possibilidades para além do que naturalmente se é esperado, além de possuírem a capacidade de se situar como sujeitos históricos no espaço, compreendendo o passado, o presente e o futuro. Eles podem ser capazes de perceber as barreiras que se colocam como freio à continuidade de sua existência enquanto situações que os limitam, pois além de serem seres biológicos também são seres sociais que instauram o mundo da cultura



a partir da relação com o mundo da natureza. Com isso, entende-se que “somos natureza com singularidades que nos diferem das demais espécies sem que isso signifique pensar o humano fora da natureza ou, ao contrário, pensá-lo como um organismo biológico diluído no plano natural” (Loureiro, 2004, p. 99).

Nesse sentido, a cultura emerge da natureza. No entanto, segundo Calloni (2017), numa perspectiva freireana, embora essas dimensões sejam distintas, elas não são separadas. Esse talvez seja outro aspecto presente na obra de Freire que deve ser objeto da análise aqui empreendida, o fato de que é na relação dos sujeitos com a natureza que emerge, como atividade humana consciente, o universo cultural, a partir da objetivação de um conjunto de bens simbólicos produzidos enquanto significação da experiência humana, como afirma o próprio autor:

A diferença entre os dois, entre o **animal**, de cuja **atividade**, porque não constitui “atos-limites”, não resulta uma produção mais além de si e os **homens** que, através de sua ação sobre o mundo criam o **domínio da cultura** e da história, está em que somente estes são seres da práxis. [...] E é como **seres transformadores e criadores** que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. (Freire, 1987, p. 58-59, grifos nossos).

Percebe-se no excerto que os seres humanos, enquanto sujeitos curiosos que se inserem no processo de permanente busca por ser mais, além de objetivarem uma série de bens e produtos oriundos de sua atividade criadora, fazem isso porque, de forma paralela, significam essas criações, processo em que não apenas transformam a natureza, como também transformam a si mesmos. Mais adiante, Freire aprofunda essa discussão ambiental fundamentado em estudos marxistas, quando ele compreende que a relação ser humano-natureza acontece por meio do trabalho:

[...] **Os homens** são seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo dos animais, seres do puro fazer. **Os animais** não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer



“emergem” dele e **objetivando-o**, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu **trabalho** (Freire, 1987, p. 77, grifos nossos).

Contudo, há um deslocamento de ênfase no texto que aprofunda em certo aspecto a concepção marxista de humanização pelo trabalho, que se verifica na mudança da perspectiva do trabalho enquanto relação dos seres humanos com a natureza para relação dos seres humanos com o mundo/realidade. Parece-nos que o trabalho, entendido nessa última perspectiva, adquire conotações mais amplas que estão direta ou indiretamente relacionadas com a natureza como apenas mais uma dimensão da totalidade e, ao mesmo tempo, como raiz dessa mesma totalidade.

Em Marx (1971), o trabalho, entendido como o ato fundante da humanidade, se verifica na relação não alienada entre ser humano-natureza, em que, por meio dela, é produzida a vida material e simbólica em sociedade, como a história, a política, a ética e a cultura. Para Freire (1987), o mundo, considerado em sua complexidade, formado por um conjunto de dimensões intrinsecamente integradas, constitui-se como desafio que desperta os seres humanos na busca por sua humanização e isso modifica profundamente suas formas de ser, pensar, atuar e transformar as relações socioambientais. O trabalho é assim entendido como a práxis elementar dos seres humanos que provê todas as outras objetivações que compõem a humanidade/mundo como dimensão genérica e ao mesmo tempo singular. Nessa relação o ser humano se humaniza e isso só é possível porque aquilo que ele produz está na essência de sua singularidade como ser humano e, simultaneamente, constitui a generalidade da humanidade como um todo.

Como vimos, para Freire, a humanização envolve um processo de relação (diálogo) entre os seres humanos mediatizados pelo mundo e diz respeito à tomada de consciência das contradições vivenciadas pelos sujeitos que se inserem criticamente no mundo com o objetivo de transformá-lo. Podemos dizer, portanto, que o pensamento freireano e o materialismo histórico e dialético convergem, na medida em que Marx e seus seguidores lançam as bases necessárias à revolução



popular e Freire tece os caminhos pedagógicos pelos quais essa revolução precisaria trilhar, explicitando que, para haver revolução, é indispensável a constituição de processos educativos críticos. Assim, “o humanismo de Marx e a pedagogia de Freire se complementam ao apontarem que, apesar do alcance do capitalismo, seu domínio pode ser enfrentado por meio da ação do indivíduo sobre a sua história” (Dias *et al.*, 2019, p. 42).

Considerando, então, o trabalho como o ato fundante da humanidade, podemos dizer que os seres vivos não humanos não realizam trabalho, mas produtos ligados à satisfação de suas necessidades básicas de adaptação e sobrevivência em seus respectivos espaços. A esse respeito Freire declara:

O próprio do **animal**, portanto, não é estar em relação com seu **suporte** – se estivesse, o **suporte** seria mundo –, mas adaptado a ele. Daí, que, como um “ser fechado” em si, **ao “produzir” um ninho, uma colmeia, um oco onde viva**, não esteja realmente criando produtos que tivessem sido o resultado de “atos-limites” – respostas transformadoras. Sua atividade produtora está submetida à satisfação de uma necessidade física, puramente estimulante e não desafiadora (Freire, 1987, p. 58, grifos nossos).

O conceito de trabalho, numa perspectiva freireana, envolve essa relação originária com a natureza e as sucessivas objetivações dela provindas que constituem o mundo em sua integralidade e complexidade. Quando o trabalho se torna alienado, processo em que o ser humano criador é separado da coisa criada e que, em sociedades capitalistas, envolve uma relação predatória e utilitarista da natureza, conseqüentemente a relação entre ser humano-mundo fica prejudicada, de onde também provêm os conflitos na relação ser humano-natureza. É como se o ser humano perdesse uma parte de seu próprio ser. Assim, podemos evidenciar a raiz ambiental no Pensamento Freireano de Educação, que se mostra nas relações ser humano-mundo, em que a natureza pode ser compreendida como dimensão constituinte e elementar do mundo, ao mesmo tempo em que aparece como uma das dimensões que o constituem. Também está na origem e no processo das



múltiplas mediações que, pelo trabalho, dão existência ao que chamamos de mundo. Esse, por sua vez, pode ser entendido numa concepção socioambiental multidimensional, que relaciona as esferas políticas, econômicas, sociais, ecológicas e científico-tecnológicas enquanto totalidade integrada (Luz; Almeida, Almeida, 2020).

Entretanto, não está evidente no livro *Pedagogia do Oprimido* como o conceito antropológico de cultura se relaciona com o conceito de natureza para além de suas especificidades e distinções, considerando o imbricamento existente entre essas dimensões. Em outras palavras, Freire parece se esforçar para diferenciar o mundo da natureza do mundo da cultura e, nesse processo, explicar a singularidade humana em relação às outras espécies. Talvez, devido a isso, não reflita de maneira aprofundada sobre os elos, pontes e interfaces capazes de evidenciar as dimensões cultural e natural como faces absolutamente complexas e interdependentes, de maneira a não reforçar apenas as distinções entre elas.

Em obras do autor publicadas, especialmente, a partir da década de 1990, comparecem reflexões socioambientais que apresentam a ideia de natureza imbricada à noção de cultura, isto é, a percepção da plenitude da vida em suas mais variadas dimensões, de modo a não criar distinções evidentes entre o social e o natural (Luz; Almeida, 2024).

É o caso da obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, escrita em 1992, em que Freire se diz ser um pós-moderno progressista assentado no multiculturalismo crítico e nos conta sobre experiências vivenciadas junto a diferentes culturas em todo o mundo, como foi a experiência de ter sido recebido por povos indígenas e ter vivenciado a comunhão desses povos com a terra, as florestas, as águas e os céus. O autor também participou ativamente da ECO - Rio 92 e comenta sobre como o evento lhe fez refletir sobre a necessidade da unidade na diversidade, uma vez que as diferenças não deveriam servir para separar os segmentos sociais oprimidos, como bem pontuou, naquele evento,



lembra Freire, o líder seringueiro Osmarino Amâncio, discípulo de Chico Mendes, ressaltando que esse último foi assassinado em 1988 em represália à sua defesa da união dos povos da floresta (Freire, 1992).

A discussão tecida até aqui leva em consideração o fato de que, para Freire (1987), a vocação ontológica do ser humano é ser mais e não ser menos. Nesse sentido, o autor adverte que tanto a humanização quanto a desumanização são possibilidades históricas que podem ser assumidas pelos sujeitos. Assim, ressaltamos enfaticamente que a desumanização, por sua vez, repercute em práticas alienadas que distorcem a inserção do ser humano no mundo, criando também conflitos em sua relação com a natureza. Essa desumanização emerge da dominação que exercem os grupos sociais hegemônicos sobre outros indivíduos e grupos sociais, impedindo-os de participar da dinâmica social. Isso faz com que o trabalho, que deveria ser o ato fundante da humanidade, se torne um meio para a subjugação e a exploração dos sujeitos, reduzidos a meras ferramentas que servem à multiplicação das riquezas de seus opressores.

Essa situação é típica de sociedades capitalistas direcionadas por valores neoliberais e conservadores da realidade, que elegeram o capital como seu maior bem em contraposição à vida humana e não humana presente na Terra. É papel de uma educação crítica e humanizadora a problematização dessas formas de sociabilidade predatórias e utilitaristas, que não reconhecem como válido o desenvolvimento de relações sustentáveis com a natureza na direção da construção de sociedades verdadeiramente humanizadas, politicamente conscientes e ambientalmente engajadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ambiental numa perspectiva freireana é revolucionária na medida em que busca desnaturalizar as relações sociais, ao evidenciar o caráter de provisoriedade e de intencionalidade dos acontecimentos sociais, mostrando que as



sociedades são construções humanas que nem sempre foram dessa forma, e que, portanto, são passíveis de mudanças. Ao questionar o padrão de desenvolvimento capitalista e reacionário, mostrando a impossibilidade de que ele seja estendido para todos, o que se busca é a superação das injustiças e desigualdades que marcam nossas formas de sociabilidade contemporânea, cada vez mais desumanas e ambientalmente insustentáveis.

Com relação à noção de natureza na obra *Pedagogia do Oprimido*, vimos que ela se apresenta inicialmente como “mundo” da adaptação e da transformação. Isso porque os seres humanos, embora façam parte da natureza como os demais seres vivos, se diferenciam por sua capacidade ontológica de transformação e de construção do mundo cultural. Assim, os seres humanos significam sua própria existência por meio do trabalho, que se expressa na relação ontológica que estabelecem com a natureza, construindo a partir daí todas as demais dimensões presentes na realidade enquanto produção material e simbólica, tais como a ciência, a tecnologia e a sociedade. Disso compreendemos que, no referido livro, a natureza se constitui como gênese da humanidade e, ao mesmo tempo, como dimensão constituinte dessa, o que se aproxima em alguns aspectos da noção marxista de trabalho.

Por meio dessas reflexões freireanas, desenvolvidas no período do exílio (1964-1979), compreendemos que uma Educação Ambiental compromissada com a humanização não deve deixar de considerar as classes sociais e a luta entre elas como núcleo de compreensão e intervenção no mundo, haja vista que o “segundo” Paulo Freire dá significativa ênfase à perspectiva marxista e às análises macroestruturais da realidade. Nesse sentido, educadores socioambientais e professores de ciências são desafiados a refletir, nos espaços educativos, a respeito das relações conflituosas entre seres humanos-natureza no contexto de uma sociedade capitalista cujos grupos hegemônicos se utilizam da ciência e da tecnologia para legitimar processos de exclusão e de dominação social.



Freire nos ajuda, por meio de seu diálogo amoroso com o mundo e pela consideração do outro como sujeito de sua própria história, a superar as dicotomias intensificadas pela crise civilizatória, que apaga subjetividades, materializa a violência como política de estado e nega existências de seres humanos na relação que estabelecem com a sociedade e a natureza. Também nos fortalece diante do obscurantismo reinante na atualidade, oferecendo possibilidades de denúncia das situações que nos desumanizam por meio da análise crítica do mundo e do anúncio de horizontes balizados por valores voltados à humanização, como solidariedade, justiça, participação, equidade, colaboração, união e compromisso, que são condizentes com a proposta da sustentabilidade socioambiental.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Antônia Adriana Mota; BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. A Educação Ambiental Crítica e o pensamento freireano: tecendo possibilidades de enfrentamento e resistência frente ao retrocesso estabelecido no contexto brasileiro. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, p. 145-165, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/10885>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- CALLONI, Humberto. Natureza. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 284-286.
- DIAS, Lorena Silva de Andrade Silva; DONEL, Gislaine Mendes; PEREIRA, Kariston; COMIOTTO, Tatiana; MUNHOZ, Regina Helena; PAVANATI, Iandra. Análise de ideias marxistas na obra de Paulo Freire. **Debates em Educação**, v. 11, p. 36-48, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6529>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Organização de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

FREIRE, Ana Maria Araújo. O legado de Paulo Freire à educação ambiental. *In*: NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. **Educação ambiental e cidadania**: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2003. p. 11-21.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire**: uma história de vida. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

HOEFFEL, João Luiz; FADINI, Almerinda Antonia Barbosa. Percepção ambiental. *In*: FERRARO, Luiz Antonio. (Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadores/as ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2007. p. 255-262.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Pandemias, colapso climático, antiecológismo: Educação Ambiental entre as emergências de um ecocídio apocalíptico. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, p. 1-30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10861>. Acesso em: 13 jul. 2025.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. *In*: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Org.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira** – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 65-84.

LUZ, Rodrigo da; ALMEIDA, Eliane dos Santos. ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Educação Ambiental e Educação CTS numa perspectiva freireana: a necessária superação da contradição entre conservação e desenvolvimento. **Investigações em Ensino de Ciências** (online), v. 25, p. 162-189, 2020. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/1873>. Acesso em: 13 jul. 2025.

LUZ, Rodrigo da. **Dimensões científico-tecnológicas e socioambientais em Paulo Freire**: a constituição de uma interface humanizadora entre a educação ambiental e a educação CTSA. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

LUZ, Rodrigo da; ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Dimensões de natureza na obra *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire: contribuições para uma educação



ambiental crítica e humanizadora. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 41, p. 380-404, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/16768>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

SCOCÚGLIA, Afonso Celso. Pedagogia do Oprimido (1968-2018): da revolução ao reencontro da esperança. **Revista Educação em Perspectiva**, v. 9, n. 3, p. 576-591, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7161>. Acesso em: 13 jul. 2025.

